



HORTA ESCOLAR AGROECOLÓGICA: A IMPORTÂNCIA DE LUGARIZAR

Breno Totti Montes ¹

RESUMO

Este artigo analisa o processo de lugarização da Horta Escolar Agroecológica (HEA) em uma escola pública de contexto rural localizada na região metropolitana do Rio de Janeiro, a partir da pesquisa-ação desenvolvida pelo autor enquanto tutor especialista em Geografia da comunidade de aprendizagem. O artigo se localiza no campo da Geografia da Educação, ao analisar espacialmente o processo de construção da HEA e a sua relação com a comunidade escolar. Para isso mobiliza o conceito de lugar em diálogo com a bionteração a partir das práticas agroecológicas desenvolvidas. Os resultados evidenciam que a HEA se consolidou como espaço de convivência, cuidado e aprendizagem, atribuindo sentido ao espaço escolar para crianças e adultos. Os encontros e as relações construídas no trabalho coletivo para fazer um canteiro, na degustação de temperos, na forma criativa de convivência com as lagartas, na responsabilidade de regar e alimentar a composteira demonstraram como a paisagem foi transformada coletivamente e como o espaço adquiriu valor identitário, afetivo e pedagógico. Conclui-se que a HEA lugarizou-se ao se tornar um lugar de encontros entre pessoas e outras formas de vida, contribuindo para a formação de vínculos simbólicos e para reflexões sobre educação integral em tempo integral e a relação com o ambiente.

Palavras-chave: Geografia da educação, horta escolar, lugar, comunidade de aprendizagem, agroecologia

RESUMEN

Este artículo analiza el proceso de “lugarización” de la Huerta Escolar Agroecológica (HEA) en una escuela pública de contexto rural ubicada en la región metropolitana de Río de Janeiro, a partir de una investigación-acción desarrollada por el autor en su rol de tutor especialista en Geografía dentro de una comunidad de aprendizaje. El artículo se sitúa en el campo de la Geografía de la Educación, al analizar espacialmente el proceso de construcción de la HEA y su relación con la comunidad escolar. Para eso, moviliza el concepto de lugar en diálogo con la biointeracción a partir de las prácticas agroecológicas desarrolladas. Los resultados evidencian que la HEA se consolidó como un espacio de convivencia, cuidado y aprendizaje, otorgando sentido al espacio escolar para niños y adultos. Los encuentros y relaciones construidos en el trabajo colectivo para hacer un cantero, en la degustación de hierbas, en la forma creativa de convivir con las orugas, en la responsabilidad de regar y alimentar la compostera demostraron cómo el paisaje fue transformado colectivamente y cómo el espacio adquirió valor identitario, afectivo y pedagógico. Se concluye que la HEA se “lugarizó” al convertirse en un lugar de encuentros entre personas y otras formas de vida, contribuyendo a la formación de vínculos simbólicos y a reflexiones sobre la educación integral en tiempo completo y la relación con el ambiente.

Palabras clave: Geografía de la educación, huerta escolar, lugar, comunidade de aprendizaje, agroecología

¹ Mestrando do PROFGEO – UERJ - RJ, tottimontes@gmail.com;



INTRODUÇÃO

Na tarde de uma quarta-feira, no início do outono de 2025, dezoito pessoas estão sentadas ao redor de três mesas circulares alinhadas formando uma grande roda. No alpendre de uma escola municipal, acontece uma reunião entre adultos e crianças, pessoas de diferentes profissões e formações, funcionários da escola e parceiros de outras instituições. Essa reunião teve como objetivo planejar a Horta Escolar Agroecológica (HEA), iniciada no ano anterior.

A escola está localizada na área rural de um município da região metropolitana do Rio de Janeiro, que nos últimos anos recebeu grandes aportes financeiros oriundos dos *royalties* da exploração de petróleo. A escola possui duas turmas de educação infantil e sete turmas de Ensino Fundamental Anos Iniciais (EFAI), totalizando cerca de 160 estudantes em ensino integral em tempo integral.

Em 2023, a escola foi escolhida pela secretaria de educação municipal para abrigar uma das quatro turmas-piloto de comunidade de aprendizagem (PACHECO, 2014, p.102) no município, a turma do quarto ano (EFAI). Comecei a trabalhar na escola como tutor especialista de Geografia desde o início da implantação da turma-piloto. Até o ano de 2025 a comunidade de aprendizagem (CA) continuou expandindo as suas turmas dentro da escola, uma a cada ano. Hoje, integram a CA as duas turmas do quarto ano e a única do quinto ano (EFAI).

A metodologia supracitada é inovadora no fazer pedagógico e na produção do espaço escolar, pois baseia-se no paradigma da comunicação (PACHECO, 2019, p.39), inspirado na dialogicidade de Freire (1987, p.??), e busca romper com a centralidade quase monopólica da sala de aula nas escolas (GOMES, 2023, p.219). A partir de alguns dispositivos pedagógicos, os educandos aprendem-ensinam em diferentes espaços da escola objetivando o desenvolvimento da autonomia a partir de uma dinâmica dialógica. No texto, vou me ater aos dispositivos que se relacionam com a HEA: a Oficina de Agroecologia e o Grupo de Responsabilidade (GR) da Horta.

No início de 2024, iniciei a Oficina de Agroecologia, de forma consolidada, para as turmas de CA. O objetivo geral da oficina era a construção de uma HEA com os educandos, e a partir dessa atividade prática geradora desenvolver valores, conceitos e habilidades. Os objetivos específicos eram: promover o desemparedamento da infância; desenvolver o



raciocínio geográfico a partir da Agroecologia; mobilizar conhecimentos científicos a partir de uma perspectiva transdisciplinar; e dialogar com saberes tradicionais da comunidade.

Assim, a proposta pedagógica da oficina tinha como ponto de partida a transformação de uma porção do espaço escolar. Ou seja, os educandos foram provocados a se tornarem agentes modeladores do espaço. Nesse artigo busco analisar a HEA como um fenômeno geográfico que possui evidente interface com a pedagogia, pois se trata de um espaço escolar, mas esse não será o foco da abordagem. E não fortuitamente, a dimensão espacial teve protagonismo nessa análise. Fruto da pesquisa-ação derivada da práxis pedagógica geográfica, a localização da horta e as relações desenvolvidas com o espaço se tornaram elementos indispensáveis dessa análise.

Durante a 1ª Reunião de planejamento da HEA, descrita no início do texto, a diretora geral da escola pontuou que “não existe uma escola rural sem uma horta”. Essa manifestação reforça a importância identitária do cultivo desse elemento espacial dentro dos muros da escola. O que me levou, enquanto geógrafo, a dois questionamentos “é possível construir uma HEA sem uma relação de cuidado? ”, e então, “é possível desenvolver uma HEA sem uma relação afetiva de vivência e sentido com esse recorte do espaço escolar? ”. Diante disso, emergiu a reflexão sobre a importância de lugarizar (SOUZA, 2013, p.124) o espaço da Horta Escolar Agroecológica.

Nesse sentido, o objetivo geral desse artigo foi analisar o processo de lugarização (SOUZA, 2013, p.124) da Horta Escolar Agroecológica (HEA) na perspectiva da pesquisa-ação. Assim, foi preciso identificar as relações, os afetos e os encontros das pessoas da comunidade escolar com a HEA, além de comparar a transformação da paisagem nos últimos dois anos. No contexto pedagógico, ainda de forma embrionária, buscarei tecer algumas reflexões sobre a HEA e a formação de um espaço pedagógico de biointeração (SANTOS, 2015, p.85).

METODOLOGIA

O autor do presente artigo propôs a Oficina de Agroecologia, de forma embrionária, no segundo semestre de trabalho do ano de 2023, mas encontrou dois obstáculos principais: ausência de cuidado e a falta de conexão das crianças com o então espaço da horta. Nessa época, trabalhava um turno por semana na escola e o local escolhido era “atrás da quadra”, um local



que não havia quase circulação de pessoas e possuía baixa visibilidade. Durante esse período, o local atual da HEA servia de canteiro de obras para a construção de duas novas salas de aula.

Na busca pela superação desses obstáculos, no ano seguinte (2024) foi necessário traçar algumas estratégias: escolher outro local que fosse mais visível e acessível pelas crianças; tecer uma rede de cuidado com a HEA; e aumentar a carga horária na escola, com objetivo não apenas de cuidar da HEA, mas de construir relações com os demais profissionais da escola.

A reflexão pedagógica e geográfica sobre a prática educacional foi o embrião para esta pesquisa-ação. Thiollen define que:

“A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.” (THIOLLEN, 1986, p.14)

Esse artigo compõe um primeiro olhar para uma pesquisa-ação mais ampla que busca avaliar a HEA como uma possibilidade de desenvolvimento da pedagogia espacial (SANTOS, 2022, p. 774) na comunidade de aprendizagem (PACHECO, 2014, p. 102) promovendo a biointeração (SANTOS, 2015, p.85).

A metodologia da pesquisa-ação foi escolhida por entender que o pesquisador faz parte do objeto de estudo, ou seja, integra de forma atuante o processo de transição pedagógica e de construção da HEA, promovendo ações e buscando possibilidades de resoluções de problemas de forma coletiva e participativa em diferentes instâncias e escalas. Nesse sentido, a pesquisa convencional ou a observação participante não seriam apropriadas, pois:

“Na reconstrução, não se trata apenas de observar ou de descrever. O aspecto principal é projetivo e remete à criação ou ao planejamento. O problema consiste em saber como alcançar determinados objetivos, produzir determinados efeitos, conceber objetos, organizações, práticas educacionais e suportes materiais com características e critérios aceitos pelos grupos interessados.” (THIOLLEN, 1986, p.75)

Como geógrafo, parto epistemologicamente de uma forma particular de ver e pensar o mundo, de um olhar treinado para interpretar a realidade a partir da espacialidade do fenômeno. Assim, certos conceitos e métodos desse campo do conhecimento guiaram as análises dessa pesquisa. Os conceitos de localização, acessibilidade e visibilidade foram os disparadores das questões norteadoras que conduziram essa investigação. Logo no início da pesquisa-ação o conceito de lugar foi acionado por entender que a HEA só daria frutos se fosse atribuído sentido



àquele espaço pela comunidade escolar e para isso acontecer seria necessário torná-lo um espaço vivido carregado de sentido.

Como tutor que ministrava a Oficina de Agroecologia e orientava o GR da Horta possuía uma posição de referência na escola com relação a HEA. No ano de 2025, até a escrita do presente artigo, permanecia na escola durante três dias, praticamente todo o horário letivo. Em um desses dias passava o dia inteiro na HEA por conta da oficina. Nos outros dias frequentava esporadicamente a horta para monitorar a rega, realizada pelo GR, alimentar a composteira, examinar as demandas práticas ou a convite de algum educando que queria perguntar ou mostrar algo. Com o desenvolvimento da pesquisa, sempre que possível, comecei a observar o uso e a frequência na horta enquanto me deslocava entre os espaços da escola. As reuniões do GR da Horta aconteciam semanalmente com duração de uma hora, onde questões e situações referentes ao contexto da HEA eram socializadas e caminhos para resolução de problemas eram debatidos. Assim, a partir da observação cotidiana das crianças e funcionários no espaço agroecológico, bem como dos momentos da oficina, analisei as relações estabelecidas entre as pessoas e a HEA. Pela posição de centralidade que possuía com relação a horta, para essa análise, também me utilizei de uma rede de informações sobre a horta que me atravessava pelas reuniões do GR ou por conversas informais com funcionários envolvidos no cuidado e manejo da horta, assim como das crianças. Na seção “Resultados e discussão” do presente artigo, vou apresentar narrativas de alguns casos simbólicos para representar certas relações importantes na análise.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para analisar o processo de lugarização da Horta Escolar Agroecológica é necessário mobilizar diferentes campos do conhecimento. Primeiro, é importante salientar que esse artigo não se debruça sobre a perspectiva pedagógica, por mais que dialogue com a educação ambiental crítica em algum grau. Como apresentado acima, a presente pesquisa pretende realizar uma análise geográfica da HEA como um recorte do espaço escolar.

Essa pesquisa se localiza dentro do campo da Geografia da Educação (GdE), dentro da tendência que Gomes vai apresentar como “geografia da escola” (GOMES, 2023, p.216). Marques (2013) quando propõe “Por uma perspectiva espacial da escola” se baseia em Massey para afirmar que “o espaço (...) é o produto das relações.” (Ibid, p.7). E assim, “ao analisar uma escola na sua dimensão espacial, é possível que encontremos elementos significativos da



produção de subjetividades no processo de escolarização, mas também elementos importantes para a compreensão do seu sentido e uso.” (Ibid, p.19) Atento a produção de subjetividades, busquei analisar o uso e o sentido atribuído ao espaço pelas pessoas que o vivenciam.

Seguindo a mesma linha teórica, Massey (2000) quando propõe “Um sentido global de lugar” aborda o conceito enquanto “um lugar de encontro” (Ibid, p.184). Para a autora inglesa “o que dá a um lugar a sua especificidade não é uma história longa e internalizada, mas o fato de que ele se constrói a partir de uma constelação particular de relações sociais, que se encontram e se entrelaçam num locus particular.” (Ibid, p.184) Marcelo Lopes de Souza (2013), em “Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial”, aponta que desde a década de 1970 o conceito de lugar sofreu grande influencia da Geografia Humanística e o sentido atribuído pela corrente já transcendeu os limites de uma única vertente de pensamento. Segundo o autor “‘lugarizar’ significa atribuir sentido” (SOUZA, 2013, p. 124). Assim, enquanto pesquisa-ação da produção espacial da HEA, o grande desafio era que as pessoas atribuíssem sentido ao espaço.

Para começar a examinar os usos desse lugar e analisá-lo como um lugar de encontro e de sentido, é necessário delimitar o que é entendido enquanto um espaço agroecológico. Para o agrônomo chileno Miguel Altieri, grande referência nos estudos da agroecologia, “o objetivo [da agroecologia] é trabalhar com e alimentar sistemas agrícolas complexos onde as interações ecológicas e sinergismos entre os componentes biológicos criem, eles próprios, a fertilidade do solo, a produtividade e a proteção das culturas” (ALTIERI, 1998, p. 23 apud ALTIERI, 1987)

Antônio Bispo dos Santos (2015), pensador quilombola também conhecido como Nego Bispo, em seu livro “Colonização, Quilombos: modos e significações” apresenta o conceito de biointeração sem abstrair um significado, mas apresentando exemplos da materialidade. Maria Sueli Rodrigues de Souza no pós-fácio do mesmo livro busca apresentar de forma mais sintética a ideia do autor, “biointeração é ‘guardar o peixe nas águas, onde eles continuam crescendo e se reproduzindo’, é viver, conviver e aprender com a mata, com o chão, com as águas, com o vento, com a lua, com o sol, com as pessoas, com os animais” (Ibid, p.113).

Assim, ao pensarmos esse recorte do espaço escolar como um lugar, ou seja, um local de encontros e de sentido, o pensamento agroecológico extrapola as relações sociais para pensar as interações com as outras formas de vida a partir da sinergia ecológica. Souza baseada em Bispo vai além, trazendo a biointeração como vivência, convivência e aprendizado com os diferentes elementos naturais, sociais e culturais. Propomos então pensar a Horta Escolar Agroecológica como um lugar de encontros, de relações, de convivência e aprendizado entre as



pessoas, o solo, a água, o Sol, os ventos e as outras formas de vida. Lugarizar a HEA é carregar de sentido os encontros possibilitados por esse espaço.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 2024, A Horta Escolar Agroecológica (HEA) começou a ser cultivada no local que permanece até hoje, na época, o solo se encontrava profundamente compactado e com resíduos da construção civil, oriundos da obra que aconteceu na escola no ano anterior. Após a tentativa embrionária de começar a HEA em outro local no último ano, em um canto da escola que possuía um solo melhor, haviam ficado algumas reflexões. Um local com maior centralidade e visibilidade seria mais adequado? Como mobilizar mais pessoas para o cuidado com a HEA?

Figura 1 – Local da horta atrás do parquinho (21/03/24)



Fonte: Imagem própria

O novo local selecionado se localizava atrás do parquinho e ao lado da secretaria, onde estava a entrada para o prédio-escola. A entrada para a construção arquitetônica não era marcada nem por porta e nem por corredor, mas por um amplo hall coberto mobiliado com mesas redondas e cadeiras a sua volta. No ano de 2025, o espaço ganhou uma mesa de totó. Esse espaço muitas vezes era ocupado pelas crianças nos horários de lanche e recreio, e por vezes, também era utilizado enquanto espaço de práticas pedagógicas. Esse hall de entrada, que

ficava de frente para o parquinho era a principal entrada no prédio-escola pelas crianças, responsáveis e funcionários. Assim, todas e todos que se encaminhavam para esse hall possuíam uma visão frontal da HEA antes de entrarem no prédio-escola.

No início do ano de 2024, ainda não haviam ferramentas apropriadas a essas condições e as pazinhas de jardinagem entortavam ao tentar penetrar no solo. A partir dos desafios impostos de se trabalhar a terra, profundamente degradada, e cuidar diariamente dos cultivos, foi realizado um levantamento informal entre os profissionais da escola e um inspetor que se interessava pelo tema se voluntariou para contribuir. Esse inspetor se tornou o principal parceiro profissional ao longo de todo processo. Desde o início, se dispôs a emprestar a sua enxada pessoal e a ajudar no trabalho prático, revirando o solo profundamente compactado. Até a escrita do presente artigo, ele segue regando, cuidando, manejando a composteira, compondo o GR da Horta e ajudando nos projetos de expansão.

Com o passar do tempo, a direção conseguiu ferramentas adequadas e terra adubada. Depois de prepararmos coletivamente o primeiro canteiro, as crianças trouxeram das suas casas doações de mudas de plantas medicinais para realizar o primeiro plantio. Ao longo das atividades práticas da oficina durante o ano de 2024, foram construídos cinco canteiros em formato de mandala junto com as crianças, abrangendo uma área de aproximadamente 30m². As crianças escolheram o formato da horta, construíram os canteiros e plantaram cerca de trinta espécies vegetais (incluindo alimentícias, aromáticas e medicinais).

Figura 2 – Horta Escolar Agrecológica em mandala (27/08/24)



Fonte: Imagem própria



Para o cuidado diário com os canteiros, foi desenvolvido o GR da Horta. O Grupo de Responsabilidade (GR) é um dispositivo pedagógico da CA que tem como objetivo o desenvolvimento da responsabilidade dos educandos a partir da prática. Esses grupos são formados a partir de demandas da CA, como por exemplo, cuidar da horta (GR da Horta), organizar a assembleia (GR da Assembleia) e apresentar a escola para os visitantes (GR de Visitas). Compõe um GR as crianças que tem interesse em se responsabilizar com essa demanda e um tutor que orienta as reuniões e as suas atividades, sempre baseado no paradigma dialógico. A partir de uma reflexão do grau de autonomia dos educandos da nossa escola, os nossos GRs possuem cerca de seis educandos.

Em 2024, integravam o GR da horta três crianças de cada uma das duas turmas, seis no total, e eu como tutor orientador. Elas tinham como principal responsabilidade regar a horta no início do dia, individualmente. Nesse ano, houveram dificuldades de se cumprir o calendário de irrigação, o que levou a mudanças no ano seguinte. Em 2025, as crianças passaram a realizar a rega em trios, que se alternavam ao longo da semana. Nesse mesmo ano, começamos a desenvolver uma composteira no contexto dos estudos de cadeia alimentar e seres decompositores. Essa atividade possuía dois objetivos principais: produzir adubo para a nossa horta e vivenciar a decomposição de resíduos orgânicos na escola. Assim, o GR organizou lixeiras exclusivas para receber esse tipo de resíduo, passou em todas as salas para apresentar o projeto e passou a coletar, principalmente, os resíduos do lanche proporcionado pela escola que, em geral, eram frutas.

A HEA já começou o ano de 2025 com cinco canteiros e um solo mais fértil e descompactado. Alguns cultivos sucumbiram às férias de verão, mas outros resistiram, com destaque especial para os pés de morango que atravessaram a difícil estação na sombra dos pés de feijão guandu. A reunião de planejamento citada no início do artigo foi um marco na consolidação da HEA como parte importante do espaço escolar, mas também de construção de redes de apoio, cuidado e saberes.

Nesse ano, a oficina de agroecologia foi ministrada para as duas turmas de quarto ano (EFAI) e o GR da Horta era composto por duas crianças de cada uma das três turmas, incluindo o quinto ano (EFAI). No meio do ano, o inspetor citado no início da seção começou a participar do GR. Até a escrita do artigo, a HEA que possui formato de mandala continuou crescendo em formato concêntrico e atualmente possui dez canteiros. Nesse ano, além das colheitas quase diárias de temperos realizadas pelas merendeiras (ex.: coentro, salsinha, alfavaca) e mais eventuais de ervas medicinais colhidas pelos funcionários para o preparo de chás (ex.: erva



cidreira, boldo, saião), foram colhidos mais de 80 pés de alface, cúrcuma e alguns morangos. A cúrcuma recebeu alta demanda de solicitações pelos funcionários que começaram a compartilhar informações sobre os usos medicinais da espécie. Por outro lado, diferente dos cultivos para o mercado, a HEA não possui a produção como seu principal objetivo, e sim o desenvolvimento de encontros e relações entre pessoas, o meio físico-natural e as outras formas de vida, por isso irei relatar alguns casos que me parecem interessantes para aprofundar esse ponto, como o caso da hortelã, das lagartas e do morango.

Na reunião de planejamento no início de 2025, a principal demanda das merendeiras e da nutricionista foram os temperos, em especial, o “cheiro verde”. A merendeira mais antiga na escola não conseguiu participar da reunião, mas deixou um recado “não encosta nas minhas alfavacas”. As plantas aromáticas da HEA complexificaram os sabores da cultura alimentar escolar nas refeições diárias, mas além disso tomaram um novo protagonismo. Acredito que a planta mais colhida, demandada e degustada pelas crianças é a hortelã. Com grande frequência as crianças vão a horta para colher folhas de hortelã para mascar, hábito que começou no ano de 2024 e se estendeu para o ano de 2025. Algumas já levaram mudas para plantar em casa, por demanda própria. Quando uma turma da educação infantil foi conhecer e explorar as texturas, cheiros e sabores da HEA, algumas crianças do quarto ano se prontificaram para apresentar o espaço e propuseram uma degustação das folhas da hortelã para os pequenos. Alguns desses educandos do “pré”, posteriormente, voltaram a HEA para demandar mais dessas folhas. Recentemente, a azedinha, que apareceu de forma espontânea, também tem ganhado relevância na demanda das crianças pela colheita e degustação em horários aleatórios ao longo do dia. Com a HEA, as crianças começaram a colher, diretamente da terra, sabores que lhes agradam. Assim, podemos sugerir que uma cultura alimentar agroecológica começou a se construir na escola.

Na volta do recesso de inverno de 2025 nos deparamos com uma surpresa, a princípio, não muito animadora: depois das lagartas comerem todas as rúculas, estavam devorando os pés de agrião. De início, comecei a pesquisar estratégias agroecológicas para contornar o desequilíbrio do agrossistema. Quando fomos para a oficina, apresentei o caso para as crianças e perguntei o que deveríamos fazer. Ao refletirem sobre a origem e o futuro das lagartas, as crianças propuseram uma solução inusitada aos olhos de uma perspectiva produtivista. A proposta era catar todas as lagartas, não para matar, mas para criar um espaço de criação de borboletas, a princípio na escola, mas depois foi decidido que elas levariam para criar em casa, por sugestão das mesmas. É fato que a imensa maioria não conseguiu atravessar todas as etapas e dar vida a uma borboleta, mas não é isso que importa. Houve um caso de sucesso e uma



borboleta nasceu dessa empreitada, mas o que se destaca dessa história é a relação criativa e cuidadosa que as crianças criaram, de forma autônoma, para conviver com outras formas de vida.

Figura - Criança interagindo com a lagarta



Fonte: Imagem própria

Depois de meses das crianças descobrindo que existiam dois pés de morango na HEA e se manifestando contrariadas pois nunca nascia nenhum fruto, não havia momento melhor para as flores do morangueiro começarem a aparecer. Mais ou menos um ano depois das mudas terem sido plantadas, as redes sociais só falavam do “morango do amor” e enfim as pétalas brancas começaram a aparecer. Passou uma semana e um pequeno moranguinho verde começou a crescer do meio da flor. As crianças do quarto ano ficaram empolvorosa, quase todo dia iam até a horta acompanhar o crescimento do morango e perguntavam, como quem quisesse aprovação, se elas poderiam ser as escolhidas para comer o morango. A informação começou a correr na escola e as crianças de outros anos queriam ver o morango e saber se poderiam ser as escolhidas para comer. Quando perguntado, devolvia com outras perguntas “e as outras crianças? São mais de 160 crianças na escola, como vamos decidir quem vai comer?”. Outro morango começou a brotar, e cada vez mais, as crianças de diversos anos iam monitorar o crescimento do morango. Em uma tarde ensolarada, depois do morango ser monitorado no lanche da tarde, logo antes de ir embora, uma criança foi inspecionar o crescimento do morango e gritou espantada para os que estavam próximos ouvir “cadê o morango!?”. O primeiro morango maduro da horta havia sumido e o que ainda estava verde havia recebido uma



mordiscada. Mas isso, objetivamente não é o mais relevante para análise. O interessante é identificar como uma rede de informações começou a circular na escola, com uma organização de monitoramento autônoma, aumentando o fluxo de crianças que frequentava a horta para acompanhar o desenvolvimento de uma fruta cultivada de forma agroecológica, e como consequência, desenvolvendo a curiosidade e o desejo das crianças para provar e plantar alimentos.

As crianças mais novas, de outros anos, que não participavam nem da oficina e nem do GR começaram a se aproximar mais da horta durante os seus horários livres no parquinho. Muitos chegavam curiosos com o morango, mas logo demonstravam curiosidade com a HEA como um todo. Normalmente, apresentava algumas plantas aromáticas que possuem odor e sabores mais característicos (ex.: Coentro selvagem, hortelã, orégano, manjerição) e em sua maioria se colocavam abertos a novas experiências alimentares.

Em 2025, foi inaugurada a composteira no espaço da HEA, colada nos muros do fundo da escola, atrás da HEA. A composteira começou recebendo esporadicamente alguns resíduos vindos diretamente da cozinha (ex.: cascas de ovo, frutas/legumes que chegavam muito amassados e não davam para serem servidos). Importante pontuar o papel do inspetor, principal parceiro profissional citado no início do artigo, que começou a fazer essa primeira coleta de resíduos com as trabalhadoras da cozinha. Posteriormente, o GR da Horta começou a alimentá-la com os resíduos oriundos dos lanches servidos pela escola. Depois da aula sobre os seres decompositores, algumas crianças do quarto ano começaram a ir diretamente na composteira colocar os resíduos orgânicos na hora do lanche, o que gerou um certo atrito com as crianças do GR, que acreditavam que as outras crianças estavam fazendo o manejo de forma equivocada. A primeira leira de compostagem foi alimentada durante meses até o recesso de inverno. Na volta do recesso, tínhamos o nosso primeiro adubo, pronto para a construção de novos canteiros. Em diálogo com o inspetor, que possuía experiência profissional no assunto, decidimos mudar a leira de localização, para um local com maior centralidade e visibilidade, ao lado do parquinho, pois recebia maior incidência solar. As lixeiras destinadas aos resíduos orgânicos, até a escrita do artigo, diariamente, recebiam alguns resíduos plásticos. Uma cultura cíclica de manejo dos resíduos ainda não está consolidada, por outro lado, isso não abalava as crianças do GR, confiantes separavam alguns poucos plásticos dos resíduos para alimentar as minhocas e gongolos da composteira.

Figura - Integrante do GR da Horta alimentando a composteira



Fonte: Imagem própria

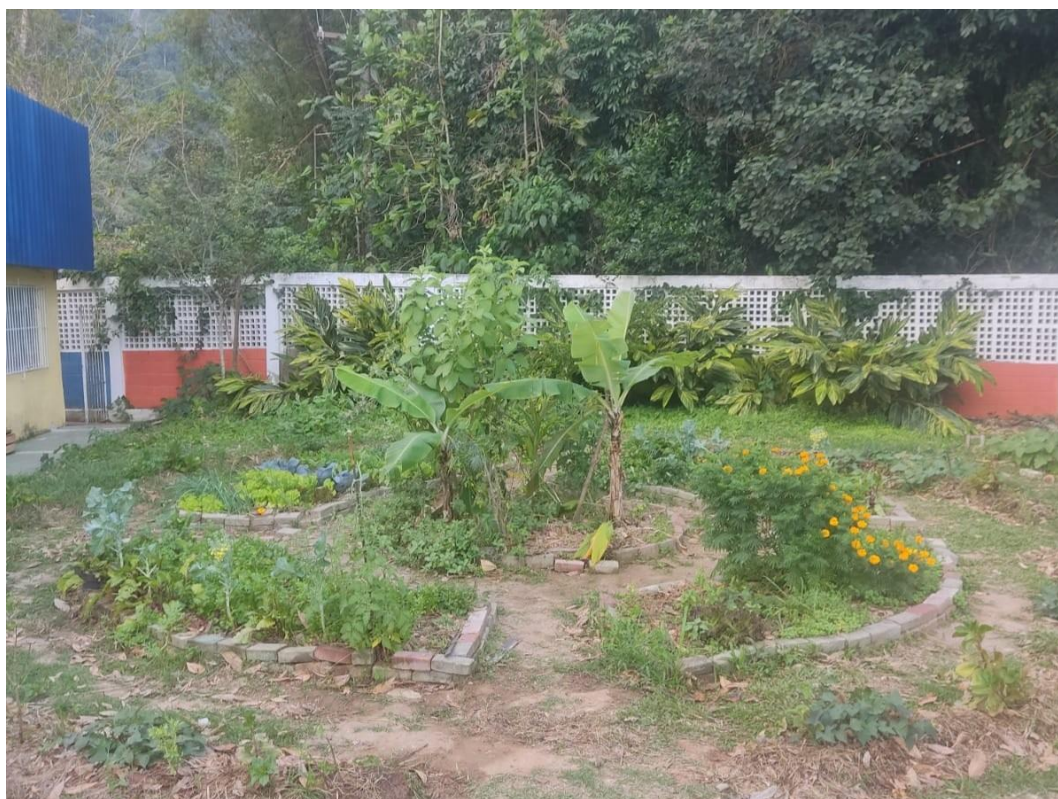
Em conversa informal com algumas crianças, ao longo das aulas da oficina, e alguns funcionários, que frequentavam a horta, perguntei como eles se sentiriam se alguém resolvesse acabar com a HEA. Todos relataram sentimentos negativos de tristeza ou raiva. As crianças apontaram que eram elas que cuidavam da horta e ninguém poderia fazer isso com a horta deles. Ainda no campo dos afetos, é importante ressaltar o relato de alguns educandos que se manifestaram ao longo das aulas práticas da oficina, na HEA, dizendo que se sentiam mais calmos quando estavam ali.

Observei também crianças que iam passear na HEA durante os horários de aula. Como o caso de uma criança, em 2024, que possuía uma realidade bem vulnerável em casa e grande parte do tempo ficava circulando pela escola e se envolvendo em conflitos. Por algumas vezes se aproximou da HEA pela curiosidade, participou das atividades que estavam sendo desenvolvidas e sempre se portou com cuidado, respeito e responsabilidade com as pessoas, as ferramentas e as plantas.

A partir de algumas observações e narrativas busquei apresentar relações, encontros, convivências e aprendizados ocorridos no espaço da Horta Escolar Agroecológica. Mobilizei casos ocorridos nas oficinas e relatados nas reuniões do GR da Horta não para propor ou apresentar uma abordagem pedagógica, o que para isso necessitaria desenvolver outros conceitos e métodos, mas para destrinchar aquilo que a paisagem nos apresenta. Durante a escrita desse artigo, a HEA era formada por uma mandala com dez canteiros concêntricos. Um canteiro circular no centro, um primeiro círculo ao redor formado por quatro canteiros em

formato de arcos de coroa circular e um segundo círculo concentrico com mais quatro canteiros de mesma forma, e ainda um décimo canteiro inaugurando o terceiro círculo. Essa paisagem composta por muitos elementos vivos só é possível com o cuidado de muitas mãos, algumas maiores e outras menores, nesse caso, a grande parte delas são pequenas. Atualmente, existem quarenta e cinco espécies vegetais sendo cultivadas em cerca de 70m² e mais uma diversidade de pequenos animais, como insetos e anelídeos, convivendo junto das crianças e adultos da escola. A paisagem sugere uma escolha acertada do local em que está sendo cultivada a HEA, mas foi por meio da análise dos encontros ocorridos e das relações construídas que podemos inferir que a comunidade escolar, principalmente as crianças, atribuem sentido a esse espaço .

Figura 3 – Horta Escolar Agroecológica em mandala (17/09/25)



Fonte: Imagem Própria

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cultivar uma horta escolar não é algo novo, uma que seja agroecológica também não é necessariamente inovador. Mas acredito que crianças transformarem uma parte do seu espaço escolar para produzir um lugar de encontros e relações com diversas formas de vida tem algo interessante que deve ser olhado com mais atenção. A paisagem foi sendo modelada a partir da vivência, dia após dia, semana após semana. O espaço da Horta Escolar Agroecológica, foi



ganhando sentido a partir do momento que as crianças começaram a conviver de forma cooperativa com a terra e posteriormente com as plantas, e depois os insetos e outras pequenas formas de vida que foram chegando.

Nos últimos dois anos, as crianças que estudaram e estudam na escola puderam experimentar cores, texturas, cheiros e sabores como o da hortelã, a queridinha das crianças que dizem ter gosto “de bala” ou “de pasta de dente”. Sentiram curiosidade, desejo e frustração ao acompanhar o morango amadurecer e desaparecer. E ao aprender sobre a sinergia ecológica, ensinaram, com criatividade e cuidado na relação que elas estabeleceram com as lagartas.

Tudo isso só foi possível por uma complexa teia de relações entre professores, inspetores, merendeiras, diretora, mediadora, nutricionista, crianças que faziam parte do GR, crianças que suaram nas oficinas e instituições parceiras que nos encontros transformaram o espaço escolar. Desde o princípio, para penetrar o solo duro e compactado foi necessário desenvolver relações entre pessoas e com o espaço, para ter capacidade material de transformação, e um projeto, que ao se criar e recriar coletivamente foi atribuindo sentido ao espaço.

Muitos afetos foram mobilizados e contribuíram para impregnar de sentido a HEA. Dos sentimentos de desejo pelo sabor agradável do morango à repulsa do sabor adstringente da cúrcuma, da empolgação de construir um canteiro de forma cooperativa com um colega à frustração de não poder utilizar a ferramenta que quer na hora que quer, da serenidade de debulhar vagens de feijão guandu ao tédio de não estar interessado em realizar uma atividade monótona. Mas, principalmente, o sentimento de tristeza e raiva que emergiu no simples movimento imaginativo de vislumbrar o fim da horta. O ato de vivenciar a modelagem de um espaço contribui para o sentimento de pertencimento, de se sentir parte daquele espaço e aquele espaço parte de você.

Se lugarizar é o ato de atribuir sentido a um espaço (SOUZA, 2013). Se um lugar se constrói a partir de uma constelação particular de relações sociais, que se encontram e se entrelaçam num locus particular (MASSEY, 2000). Hoje podemos dizer que a Horta Escolar Agroecológica se transformou em um lugar. E mais do que isso, ela só existe porque se lugarizou, sem esses encontros e relações ainda era um solo degradado.

E como comecei a propor, é um locus de encontro entre as crianças, entre os adultos, entre as crianças e os adultos, mas também de adultos com raízes de cúrcuma e folhas de erva cidreira, e de crianças com morangos, lagartas e minhocas. A constelação dessas relações sociais está entrelaçada a relações com outras formas de vida. A vivência de uma Horta Escolar Agroecológica passa necessariamente pela convivência com as plantas, insetos, fungos e



macroorganismos do solo. Passa por desenvolver uma outra forma de relação entre os seres humanos e o ambiente. Essa relação que emerge na vivência, desenvolve no encontro a convivência a partir do aprendizado atento e criativo.

A pesquisa-ação aqui apresentada traz reflexões, análises e alguns resultados iniciais, mas sobretudo possibilidades. Como o raciocínio geográfico e a espacialidades dos fenômenos pode contribuir para o debate pedagógico e os processos de ensino-aprendizagem escolar dentro da educação integral em tempo integral? Como a espacialidade dos afetos pode colaborar para lidar com as relações intraescolares? Como a convivência com outras formas de vida dentro do ambiente escolar pode ser um caminho para o mundo em contexto de emergência climática? E ainda, como os conhecimentos tradicionais baseados na oralidade podem contribuir para o desenvolvimento do conhecimento científico?

O presente artigo não pretende se esgotar em si, mas propor caminhos de análises do espaço escolar dentro do campo da Geografia da Educação. Ressaltando o papel do educador enquanto pesquisador da sua prática e do cientista aberto ao diálogo com outras formas de conhecimento. E assim, buscar caminhos, e quem sabe encontrar algumas respostas, para os desafios da educação pública brasileira no contexto de emergência climática global.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel. Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. Porto Alegre: **Editora da UFRGS**, 1998.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 1987.

GOMES, M. A geograficidade do evento-aula: um breve ensaio. **Revista Contemporânea de Educação**, V. 18, N. 43 (2023)

MASSEY, Doreen. Um sentido global de lugar. In: ARANTES, Antonio A. (org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000. p. 176-185.

PACHECO, J. Aprender em comunidade. São Paulo, SP: **Edições SM**, 2014.

PACHECO, J. Inovar é assumir um compromisso ético com a educação. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2019.

SANTOS A. Colonização, quilombos: modos e significados. Brasília, DF: **Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa – INCTI, Universidade de Brasília – UnB**, 2015.



ENANPEGE
XVI Encontro Nacional de Pós-Graduação e
Pesquisa em Geografia

SANTOS, C. Por uma pedagogia espacial: Geografia e o pensamento freireano. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**. Santos, V.14, N.35, p. 763-776, maio-ago, 2022

SOUZA, M. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. Rio de janeiro, RJ: **Bertrand Brasil**, 2013.

THIOLLEN, M. Metodologia da Pesquisa-ação. São Paulo, SP: **Cortez: Autores Associados**, 1986.